



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Possibilidades de abordagem das literaturas africanas e afrobrasileira no livro didático

Vima Lia Martin¹

vima@usp.br

Pesquisadores e educadores importantes têm enfatizado o papel central que a educação literária possui na formação da consciência crítica daqueles que se dispõem a estudar os textos literários. De fato, o estudo da literatura constitui um espaço de reflexão e de ação que apresenta implicações sociais, culturais e políticas bastante significativas.

No sistema educacional brasileiro, a formação do chamado leitor literário, conforme as Orientações Curriculares do Ensino Médio (MEC/2006), deveria contribuir efetivamente para a ampliação da autonomia intelectual e da perspectiva crítica do aluno/leitor. Especialmente o documento que se refere aos conhecimentos de literatura, que contou com o suporte crítico de Haqira Osakabe (UNICAMP) e Lígia Chiappini Moraes Leite (USP), enfatiza a especificidade, a complexidade e a autonomia da disciplina literatura, ainda que seus conteúdos tenham sido incorporados aos chamados estudos da linguagem (Área de Linguagem, Códigos e suas Tecnologias).

Ensinar literatura na escola se torna ainda mais desafiador se atentarmos para o cumprimento da Lei 11.645/08, que torna obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.

Atentos a esse cenário - e no âmbito de nossa atuação como docente e pesquisadora da Área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa -, apresentaremos a seguir algumas sugestões para o ensino e para a aprendizagem das literaturas de língua portuguesa, baseadas no *método comparativo* e na *abordagem prospectiva*, na esteira do proposto por Benjamin Abdala Jr. em “História literária e o ensino das literaturas de língua portuguesa” (2003).

¹ Professora doutora da Universidade de São Paulo



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

O método comparativo, baseado na leitura contrastiva de textos literários escritos em português, favorece a reflexão sobre a identidade nacional, cultural e literária dos países de língua oficial portuguesa. Sob a óptica comparatista, conhecer e explicar sistemas culturais e literários diferentes, que compartilham de um mesmo sistema lingüístico, adquire maior consistência, uma vez que são evidenciados espaços literários de intercâmbio e tensão entre valores sócio-culturais heterogêneos.

Já a perspectiva prospectiva mostra-se fundamental para o exercício de uma cidadania ativa. Sem desconsiderar sentido histórico do texto, sua função e valor no momento específico em que foi escrito, importa sobretudo seu interesse literário afinado com as demandas da vida contemporânea: nesse sentido, é fundamental que professores e alunos possam atualizar os sentidos do texto e responder a seguinte questão: afinal, o que ele me diz hoje?

Nossas sugestões baseiam-se principalmente numa *ampliação de foco* no que tange à apreensão dos tradicionais conteúdos de literatura tal como dispostos em grande parte dos materiais didáticos brasileiros disponíveis e em circulação na atualidade. Expandindo os repertórios já oferecidos, nossa proposta é que haja a inclusão de autores e textos das literaturas afro-brasileira e africanas, preferencialmente em diálogo com o conjunto de autores e textos já *canônicos* nos currículos escolares. Com isso, objetivamos sugerir caminhos para uma prática pedagógica simultaneamente crítica e propositiva, calcada na percepção plural e dinâmica da história da literatura.

Formulamos a seguir cinco propostas de inserção desses “novos conteúdos” no currículo já conhecido que, como sabemos, obedece a cronologia da historiografia literária: no momento em que se estudam os primeiros textos produzidos no período colonial, no momento em que se estuda o Arcadismo, o Romantismo, o Modernismo e a literatura produzida por Guimarães Rosa. Focalizaremos, de modo bastante sucinto, cada uma dessas possibilidades. Essas propostas encontram-se incorporadas e desenvolvidas na obra *Projeto ECO – Língua Portuguesa*, publicada pela Editora Positivo em 2010. Trata-se de uma coleção didática escrita por Roberta Hernandez Alves e por mim, que foi aprovada pelo MEC no PNLD 2012.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Primeira possibilidade: o estudo de textos literários produzidos sobre a colonização

Nos capítulos dedicados ao estudo dos textos produzidos no início do período colonial, costuma-se discutir a expansão do império português. E, nesse momento, pode ser problematizada não apenas a dominação colonial no Brasil, mas também nos países africanos colonizados por Portugal.

Um viés que nos parece bastante interessante para a discussão sobre o colonialismo diz respeito à focalização de textos literários, escritos *a posteriori*, que abordam a questão do choque cultural estabelecido entre europeus e “indígenas”.

No Brasil, foi principalmente a partir do século XIX que os textos literários passaram a discutir, de modo mais verticalizado, as especificidades da cultura brasileira. Já na África colonizada por Portugal, foi apenas nas primeiras décadas do século XX que começou a ser produzida, de maneira mais sistematizada, uma literatura preocupada em dar visibilidade às marcas das culturas locais, de matriz africana.

Assim, quando o colonizado pôde, finalmente, tomar a palavra e elaborar, com mais autonomia, seus próprios pontos de vista, os textos literários começaram a apresentar uma leitura bastante crítica das tensões culturais decorrentes do encontro da cultura europeia com as culturas nativas dos povos que habitavam os territórios que hoje constituem os países africanos de língua portuguesa.

Para compreender o empenho dos escritores africanos em expressar a sua perspectiva sobre a colonização, vale, por exemplo, discutir o texto *Eu e o Outro – O invasor ou em poucas três linhas uma maneira de pensar o texto*, do escritor angolano Manuel Rui (1985). Nele, o autor dirige-se virtualmente ao próprio colonizador e, depois de responsabilizá-lo pelo fim da harmonia existente entre o homem e o mundo antes da invasão colonial, propõe uma maneira solidária de lidar com a sua presença irreversível. Também o poema “Prelúdio”, do caboverdiano Jorge Barbosa é um bom exemplo de texto que pode servir para suscitar a reflexão dos alunos:



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Quando o descobridor chegou à primeira ilha

Nem homens nus

Nem mulheres nuas

Espreitando

Inocentes e medrosos

Detrás da vegetação.

Nem setas venenosas vindas no ar

Nem gritos de alarme e de guerra

Ecoando pelos montes.

Havia somente

As aves de rapina

de garras afiadas

As aves marítimas

de vôo largo

As aves canoras

assobiando inéditas melodias

E a vegetação

Cujas sementes vieram presas

Nas asas dos pássaros

Ao serem arrastadas para cá

Pela fúria dos temporais.

Quando o descobridor chegou

E saltou da proa do escaler varado na praia

Enterrando

O pé direito na areia molhada

E se persignou



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Receoso ainda e surpreso

Pensando n'El-Rei

Nessa hora então

Nessa hora inicial

Começou a cumprir-se

Este destino ainda de todos nós.

(Jorge Barbosa, "Prelúdio", in: *Antologia africana de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lacerda, 2003, p. 128-9.)

Segunda possibilidade: o estudo do Arcadismo e a história dos degredados na África

O estudo do movimento árcade brasileiro contempla reflexões sobre a participação de escritores em movimentos de emancipação política, em especial na Inconfidência Mineira. Nesse momento, é possível ampliar a perspectiva tradicional do ensino desse conteúdo, considerando a questão dos degredados brasileiros que foram sentenciados a cumprir pena na África, nomeadamente em Angola e Moçambique. A experiência desses homens mostra como seu deslocamento espacial foi responsável por aproximar pessoas, idéias e práticas dos dois lados do Atlântico.

Nesse sentido, a trajetória de Tomás Antonio Gonzaga em Moçambique é emblemática. Acusado de conspirar contra o governo português, ele foi preso em 1789. Em 1792, sua pena foi convertida em degredo e o poeta foi enviado a Moçambique, onde deveria permanecer por dez anos. Mas o poeta não volta ao Brasil. Na África, casa-se com Juliana de Sousa Mascarenhas, filha de um rico comerciante de escravos, e ocupa importantes cargos ligados ao governo português.

O degredo de Gonzaga em Moçambique e seu encontro com a jovem Juliana inspiraram o escritor moçambicano Mia Couto a escrever uma interessante versão sobre o nascimento da poesia moçambicana. Vejamos:

"Começo por uma história. Uma história verdadeira. No deambular do século XIX, uma moçambicana chamada Juliana vivia no sossego da sua pequena



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

ilha, na serena contemplação das águas do oceano Índico. A pacatez de sua vida seria alterada, uma certa tarde em que o seu pai, um próspero comerciante chamado Sousa Mascarenhas, trouxe para casa um homem doente. O homem ardia em febre e para assegurar tratamento ele ficou alojado num quarto do casarão. Juliana foi a enfermeira de serviço, responsável pela lenta recuperação do intruso.

Durante a convalescença, Juliana e o homem se apaixonaram. A ternura de Juliana era devolvida por via de versos rabiscados em folhas dispersas. Pouco tempo depois, os dois se casavam. Nos demorados serões da casa colonial se juntava a gente culta da ilha e o homem declamava poesia. Esses serões faziam nascer o primeiro núcleo de poetas e escritores na Ilha de Moçambique, a primeira capital da colônia de Moçambique. Esse homem era um brasileiro e chamava-se António Gonzaga. Anos depois ele e a sua amada Juliana faleceram e foram enterrados no pequeno cemitério da Ilha.

O nascimento da poesia moçambicana está marcado por um encontro que seria bem mais do que um casamento entre duas pessoas. Havia ali uma espécie de presságio daquilo que seria um entrosamento maior que iria prevalecer.

(COUTO, Mia. "O sertão brasileiro na savana moçambicana". In *Pensatempos. Textos de opinião*. Lisboa/Maputo: Editorial Ndjira, 2005.)

Nossa sugestão é que, ao se estudar o Arcadismo brasileiro, seja também considerada a questão do degredo, como forma de aproximação entre brasileiros e africanos. Nesse sentido, o texto de Mia pode ser convocado para iluminar esse diálogo estabelecido em fins do século XVIII.

Terceira possibilidade: o estudo do Romantismo, da ascensão do romance e da poesia afro-brasileira

Comumente, o estudo da prosa e da poesia romântica é proposto separadamente. Não apenas nas escolas de Ensino Médio, mas também em muitos dos cursos de literatura brasileira ministrados nas universidades. No que tange aos estudos sobre a prosa, é de grande relevância o fato de que foi



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

justamente durante o século XIX que o gênero romance se consolidou e se popularizou na forma em que o conhecemos hoje.

Entretanto, a história de formação do romance é freqüentemente focalizada a partir da perspectiva europeia e costuma deixar de fora outras histórias formativas. Nos países africanos colonizados por Portugal, por exemplo, o romance surge, no século XX, constituindo-se como um espaço para a projeção de identidades de nações que começavam a ser imaginadas. E, como gênero propício para a investigação e o mapeamento de realidades históricas e culturais, o romance escrito nesses países oferece um amplo painel das múltiplas faces que os caracterizam.

No caso específico de Angola, o primeiro romance publicado foi *O segredo da morta (romance de costumes angolenses)*, de Assis Jr. (1934). Na esteira dessa obra pioneira, os romances escritos por Castro Soromenho, Óscar Ribas, José Luandino Vieira e Pepetela, por exemplo, colaboraram de forma decisiva para a consolidação do gênero romanesco no país. Colocar essa história em relevo é uma forma de favorecer uma percepção mais plural, dinâmica e crítica da história da literatura.

Já no âmbito dos estudos sobre a poesia romântica, é possível estabelecer paralelos entre a produção empenhada de escritores comprometidos com a Abolição, como Castro Alves e Luis Gama, por exemplo, e a produção poética contemporânea configurada como “afrodescendente”. Nesse sentido, importa enfatizar que condição subalterna dos negros no Brasil não foi substancialmente alterada com o fim da escravidão. Por isso, no campo de literatura, a sua luta por emancipação e por um Brasil sem preconceito racial tem sido contínua.

O início da publicação dos *Cadernos Negros*, em 1978, é um interessante exemplo dessa luta. Trata-se de uma publicação literária que, desde o seu primeiro número, divulga contos e poemas que tematizam a vida, a tradição e a cultura dos negros brasileiros. Propor aos alunos a reflexão sobre contos e poemas publicados nos *Cadernos Negros* pode ser uma excelente oportunidade de reflexão sobre o preconceito e a condição dos afrodescendentes na atualidade.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Quarta possibilidade: o estudo do Modernismo (Semana de Arte Moderna e os chamados “escritores regionalistas”) e sua repercussão na África

Ao se propor o estudo da literatura modernista brasileira, pode-se focalizar a sua importância para a consolidação das literaturas africanas de língua portuguesa. No campo da poesia, por exemplo, as propostas dos escritores modernistas brasileiros repercutem nos textos elaborados pelos escritores dos países africanos, em especial em Angola, Cabo Verde e Moçambique.

Como se sabe, a afirmação de nossa independência literária foi uma preocupação que determinou temas e formas da poesia concebida por poetas como Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Manuel Bandeira. Para eles, a questão da identidade nacional foi prioritária e se traduziu em poemas que falavam sobre a história e o cotidiano brasileiros através de uma linguagem irreverente, que flexibilizava as normas gramaticais ao aproximar a língua falada e a escrita poética.

A afirmação de uma dicção nacional – a “fala brasileira”, nas palavras de Mário de Andrade – constitui-se, assim, como uma das molas mestras da nossa experiência modernista, dado o seu caráter fundante de uma personalidade cultural autônoma. E é justamente a adesão dos escritores africanos a um universo literário que afirmava sua independência em relação aos padrões culturais portugueses que pode explicar o diálogo estabelecido entre a poesia africana e a poesia modernista brasileira.

Daí a relevância das propostas do nosso modernismo como modelos dinamizadores das transformações que se buscavam no momento de afirmação das identidades nacionais africanas. A revista angolana “Mensagem” (1951), cujo lema era “Vamos descobrir Angola!”, a pioneira revista “Clareza” (1936), em Cabo Verde, e a revista “msaho” (1952), em Moçambique, são espaços de expressão de intelectuais e escritores que, como já havia ocorrido no Brasil, reclamavam uma cultura “autêntica”, enfatizando a complexidade das realidades locais e os anseios de liberdade popular.

Já no campo da prosa, os romances escritos por Raquel de Queiroz, Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Jorge Amado, por exemplo, também repercutem



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

fortemente na ficção africana. Seus textos, que foram porta-vozes de uma perspectiva crítica sobre a realidade social brasileira, evidenciam os anseios e os limites de grupos socialmente marginalizados e expõem, em maior ou menor grau, a tensão entre os protagonistas e as pressões da natureza e do meio social. Nesse sentido, o homem pobre do campo não é mais apreendido literariamente como objeto, mas como sujeito histórico passível de desalienação.

Especialmente em Cabo Verde, que apresenta similaridade climática com o interior do nordeste brasileiro, a recepção das obras “regionalistas” foi bastante produtiva. No arquipélago, a existência de variadas instituições culturais, desde meados do século XIX, favoreceu a emergência de uma consciência nativista relativamente precoce entre os habitantes das ilhas. Por isso, uma literatura voltada para a discussão das especificidades culturais caboverdianas surge mais cedo em comparação com as outras ex-colônias portuguesas, sendo que o grupo que se formou em torno da revista “Clareza” (1936) pode ser identificado como o precursor do sistema literário caboverdiano.

De fato, a poesia e a prosa concebidas pelos escritores denominados claridosos revelam uma tomada de consciência nacional nítida, que antecede uma declarada posição anti-colonial. Nesse contexto, o romance social nordestino foi decisivo para o despertar da consciência regional entre os escritores caboverdianos. A representação enfática do espaço físico adverso e a recriação de uma linguagem de caráter referencial são estratégias narrativas que, elaboradas por ficcionistas como Manuel Lopes, Baltazar Lopes e Manuel Ferreira, contribuíram efetivamente para o desenvolvimento da literatura do arquipélago, de viés crítico e sintonizada com uma proposta de transformação social.

Quinta possibilidade: o estudo da literatura produzida por Guimarães Rosa, Luandino Vieira e Mia Couto

No panorama dos autores brasileiros que se consagraram na segunda metade do século XX, Guimarães Rosa emerge com destaque. E, no âmbito dos estudos comparados de literaturas de língua portuguesa, seu papel



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

dinamizador é de grande importância. O angolano Luandino Vieira e o moçambicano Mia Couto, por exemplo, são escritores que declaram sua admiração pelo escritor brasileiro, afirmando ainda que a obra roseana foi fundamental em seus próprios processos de criação ficcional. Aliás, é interessante notar que os três escritores nomeiam seus contos como “estórias”, numa referência às narrativas de cunho tradicional e popular, contadas oralmente.

Quando aproximamos os textos de Rosa, Vieira e Couto, o que se nota é uma semelhança no modo de elaboração da linguagem literária. Essa semelhança pode ser explicada se levarmos em conta as realidades sociais e culturais que as suas obras se propõem a ficcionalizar.

Isso quer dizer que tanto o sertão mineiro, como os espaços luandenses e moçambicanos - que as obras visam traduzir literariamente - são uma espécie de “matéria-prima” que serve de fonte para os escritores. E, nesses universos, é possível perceber a coexistência de duas visões de mundo distintas, que estão relacionadas e interagem entre si.

Essas duas visões de mundo, que poderíamos chamar de lógica da oralidade ou lógica rural, de um lado, e lógica letrada ou lógica urbana, de outro, correspondem a temporalidades e modos de vida distintos e estão em profunda tensão na obra dos três escritores.

Mais ainda, podemos dizer que é justamente a tensão entre essas duas ordens - uma “arcaica” e outra “moderna” - a responsável pela criação da linguagem inovadora através da qual os autores contam as suas estórias. Uma linguagem profundamente poética, que mistura aspectos do português normativo a formas espontâneas da oralidade, e que se apresenta carregada de neologismos, ditos populares, termos eruditos e inversões frasais.

Para ilustrar essa intersecção entre a obra de Rosa e dos autores africanos, vale recorrer mais uma vez a um texto de Mia Couto. Ao ser nomeado correspondente da Academia Brasileira de Letras, em 2004, o escritor discorreu sobre a proximidade existente entre o sertão brasileiro captado por Rosa e a sua pátria, Moçambique, num texto sugestivamente intitulado “O sertão brasileiro na savana moçambicana”. Diz Mia Couto:



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

(...) E foi poesia que me deu o prosador João Guimarães Rosa. Quando o li pela primeira vez experimentei uma sensação que já tinha sentido quando escutava os contadores de histórias da infância. Perante o texto eu não simplesmente lia: eu ouvia vozes da infância. Os livros de Rosa me atiravam para fora da escrita como se, de repente, eu me tivesse convertido num analfabeto seletivo. Para entrar naqueles textos eu devia fazer uso de um outro ato que não é “ler”, mas que pede um verbo que ainda não tem nome.

Mais que a invenção de palavras, o que me tocou foi a emergência de uma poesia que me fazia sair do mundo, que me fazia inexistir. Aquela era uma linguagem em estado de transe, que entrava em transe como os médiuns das cerimônias mágicas e religiosas. Havia como que uma embriaguez profunda que autorizava a que outras linguagens tomassem posse daquela linguagem.

(...)

Para se chegar àquela relação com a escrita é preciso ser-se escritor. Contudo, é essencial, ao mesmo tempo, ser-se um não escritor, mergulhar no lado da oralidade e escapar da racionalidade dos códigos da escrita enquanto sistema único de pensamento. Esse é o desafio de desequilibrista – ter um pé em cada um dos mundos: o do texto e o do verbo. Não se trata apenas de visitar o mundo da oralidade. É preciso deixar-se invadir e dissolver pelo universo das falas, das lendas, dos provérbios. (...)”

COUTO, Mia. “O sertão brasileiro na savana moçambicana”. In

Pensatempos. Textos de opinião. Maputo: Editorial Ndjira, 2005, p.107-109.

Ao aproximar comparativamente as estórias narradas por Guimarães Rosa, Mia Couto e Luandino Vieira, verificamos não apenas as semelhanças que existem entre os textos, mas principalmente as diferenças, que iluminam as particularidades de cada sistema cultural focalizado pelos autores.

Para finalizar, gostaríamos de frisar que essas sugestões, muito longe de esgotar quaisquer possibilidades de abordagem das literaturas afro-brasileira e africanas de língua portuguesa na escola, objetivam contribuir para a reflexão



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

sobre as possibilidades de inovar os currículos, introduzindo novos autores, textos, problemas e perspectivas. Trata-se de sugestões pontuais, alguns caminhos dentre os muitos que podem ser construídos para que, de fato, a Lei 11.645/08 seja cumprida e a formação literária de nossos estudantes possa ser enriquecida a partir de uma perspectiva multicultural.

Bibliografia

ABDALA, Jr., Benjamin. "História literária e o ensino das literaturas de língua portuguesa". In *De vôo e ilhas. Literatura e comunitarismos*. Cotia, SP: Ateliê, 2003.

_____. *Literatura, história e política*. São Paulo: Cotia, SP: Ateliê, 2007.

ARRIGUCCI, Davi. "O mundo misturado: romance e experiência em Guimarães Rosa". In *Revista Novos Estudos CEBRAP*, 40. Novembro 1994: 7-29.

BARBOSA, Jorge. "Prelúdio". In: *Antologia africana de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lacerda, 2003.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1989.

CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique. Experiência colonial e territórios literários*. Cotia, SP: Ateliê, 2005.

COUTO, Mia. *Pensatempos. Textos de opinião*. Maputo: Editorial Ndjira, 2005.

GOMES, Simone Caputo. *Cabo Verde. Literatura em chão de cultura*. Cotia, SP: Ateliê, 2008.

HAMILTON, Russell. *Literatura africana. Literatura necessária II*. Lisboa: Edições 70, 1984.

MACÊDO, Tania. *Angola e Brasil: estudos comparados*. São Paulo: Arte e Ciência, 2002.

Orientações curriculares para o ensino médio. Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

RONCARI, Luiz. *Literatura brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SANTILLI, Maria Aparecida. *Paralelas e tangentes entre literaturas de língua portuguesa*. São Paulo: Arte e Ciência, 2003.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Resumo

O artigo apresenta possibilidades de abordagem das literaturas afro-brasileira e africanas no livro didático, tendo em vista o cumprimento da Lei 11.645/08, que torna obrigatório o estudo da história e da cultura afro-brasileira, africana e indígena no âmbito de todo o currículo escolar.

Palavras-chaves: literatura afro-brasileira; literaturas africanas, educação literária, escola brasileira

Resumen

Palabras-claves: literatura afro-brasileña; literaturas africanas; educación.